

ROTEIRO

Entrevistas com Pesquisadores

Por Marianna Ferreira Jorge e Paula Sibilía

Questão 1: O mal-estar na sua obra

De que modo comparece na sua obra e no seu pensamento a noção de "mal-estar"?

Questão 2: A insistência do mal-estar na era do bem-estar

A felicidade parece ter se tornado a meta prioritária dos sujeitos contemporâneos, sendo tanto um direito como uma sorte de "dever" para todos; por isso, ela é propagada exaustivamente nos discursos midiáticos e nos anúncios publicitários, bem como nos projetos políticos e nas telas dos onipresentes dispositivos móveis. Diante desse cenário, perguntamos: por que é tão comum, atualmente, nos sentirmos acometidos por sentimentos de mal-estar, angústia ou frustração, por vezes inexplicáveis e até mesmo negados ou disfarçados, embora muito insistentes? Como explicar esse aparente paradoxo?

Questão 3: As próteses do bem-estar contemporâneo

Para lidar com essas insatisfações tipicamente contemporâneas, não é raro se deixar atrair por um leque de "soluções" que se multiplicam e renovam constantemente, atiçadas pela ávida dinâmica do mercado, tais como as diversas opções de consumo, as tecnologias de conexão em rede, as drogas (i)lícitas, os medicamentos e outros produtos potencialmente "tóxicos". Embora esse entorpecimento possa provocar certa sensação de euforia, ele também apresenta problemas, pois se apoia numa retórica mercadológica que prescreve investimentos constantes no "capital humano", rotulando como patológico qualquer comportamento que não esteja à altura das exigências do sistema de produção atual. Será que dependemos dessas "próteses" para atingir o tão cobiçado (e aparentemente inatingível) bem-estar? Que potências e limites são ativados nessas dinâmicas?

Questão 4: O valor do sofrimento na era do bem-estar

A experiência do sofrimento ganhou novos contornos na atualidade: ela parece ter perdido a dimensão simbólica que a envolvia em outros ambientes socioculturais;

deixando de ser compreendida, portanto, como uma condição "natural" do ser humano ou como uma estratégia válida de autodescoberta e aprendizagem. Em vez disso, a dor tem se tornado um temível obstáculo para metas tão desejadas como a alta performance, a autoestima e a autorrealização. Agora, quando cada sujeito é instado a se tornar um bem-sucedido "empreendedor de si", o mal-estar costuma se associar a uma falha, a uma certa insuficiência ou negligência, ou até mesmo a uma perda de tempo sem sentido. Contudo, notamos um fenômeno inédito que parece se contrapor a essas transformações: a súbita valorização da figura da vítima e a proliferação de narrativas assinadas por sofredores. Haveria aí uma contradição, ou há uma complementaridade entre ambos os fenômenos? Que tipo de sofrimento é permitido ou tolerado, inclusive reverenciado, numa sociedade que condena os "fracassados" e a má performance mas valoriza esses testemunhos em casos de bullying, assédio e preconceito contra as diferenças, por exemplo?

Questão 5: Da repressão à estimulação, a vontade de dar testemunho

Os sujeitos contemporâneos são cada vez mais estimulados a se mostrar, dando lugar a uma superexposição nas redes sociais da internet e a uma certa cobrança de interação ou compartilhamento de toda classe de experiências. A vontade de obter visibilidade e o anseio por exercer controle sobre os outros tanto alimentam como decorrem de um tipo de personalidade narcísica e autorreferente. Por um lado, em várias dessas manifestações bem em voga, percebe-se uma inédita incitação a falar e a se mostrar como sendo atitudes engajadas de resistência a certas opressões modernas que ainda estariam vigentes, embora o estímulo e o desejo tenham assumido os antigos papéis da repressão e da lei. Por outro lado, nesses mesmos discursos, podemos notar uma banalização do ódio, dos micros fascismos e da repressão a tudo que fere as próprias crenças individuais, sem que isso implique uma autorreflexão ou uma interiorização do sentimento de culpa por parte do agressor. A "culpa" sempre parece ser alheia, de fato: enquanto os outros faltam a seus deveres, os direitos sempre são próprios. Em que medida isso se relaciona com um mal-estar tipicamente contemporâneo?

Questão 6: Reivindicações identitárias, alteridade e bem comum

Junto com a ampliação de certos direitos e liberdades individuais, hoje parece ter se horizontalizado a capacidade legítima de julgar e punir; assim, qualquer um pode se tornar um potencial agressor que deve ser denunciado por sua condição de

preconceituoso, violento ou intolerante. De modo complementar a essa culpabilização do outro, tem se generalizado a auto-vitimização: todos podemos ser vítimas daqueles que obstaculizam o próprio direito ao bem-estar, suscitando a prática cada vez mais habitual de testemunhar, compartilhar e reivindicar o sofrimento com orgulho identitário. Neste contexto, tem se expandido os movimentos sociais que levantam bandeiras ligadas às mais diversas identidades, com a ascensão de noções como empatia e lugar de fala, visando a dar voz aos que sofrem e denunciando a seus opressores. Será que o papel da alteridade está mudando, bem como a relação entre o plano individual e o coletivo? A ideia de "bem comum" estaria em declínio ou teria se fortalecido, enquanto se reivindicam os nichos de identidade e a autoestima? Quais são os desdobramentos políticos e éticos destas novidades, de que maneira elas contribuem para o bem-estar ou para o mal-estar?

Questão 7: As tiranias da visibilidade e da conexão

Em uma entrevista concedida em 1990, Gilles Deleuze foi incisivo ao constatar algo disruptivo para os ouvidos contemporâneos: “não sofremos de falta de comunicação, mas ao contrário, sofremos com todas as forças que nos obrigam a nos exprimir quando não temos grande coisa a dizer”. Por outro lado, em 1967, nas páginas do livro-manifesto *A sociedade do Espetáculo*, Guy Debord foi ainda mais enfático ao metralhar o seguinte: “a arte da conversação está morta, e logo estarão mortos quase todos os que sabem falar”. Qual a relação desses ousados diagnósticos da segunda metade do século passado com os atuais mal-estares? Que papéis tem o silêncio e a solidão na agitada dinâmica dos modos de vida contemporâneos? Esses atributos (silêncio e solidão) foram muito caros à constituição dos sujeitos modernos, que se construía a si mesmos, sobretudo, na intimidade do espaço privado em sintonia com as tecnologias analógicas de leitura e escrita. Em meio ao "ruído" que prevalece na agitação da atualidade, quando as redes atravessam todas as paredes (e quase todos os pudores), haveria possibilidades de "resistir" ao fluxo exacerbado de palavras e imagens, bem como à saturação de todos os sentidos provocada pela insistência na conexão e na visibilidade constantes? Como inventar outros modos de existência, evitando o pavor de "desaparecer" ao se desconectar do mundo e dos outros?